

04-10-2022

## DA PATOLOGIZAÇÃO GENERALIZADA DA SUBJETIVIDADE À MEDICALIZAÇÃO

**Alan Machado**

[Doutor em Educação, linguista, psicanalista e professor da Universidade Estadual de Goiás]

*“Este é o tempo de divisas, tempo de gente cortada.  
De mãos viajando sem braços, obscenos gestos avulsos”  
(Carlos Drummond Andrade)*

Vivemos uma era de patologização do sujeito e de suas singularidades. Se a gente for ler atentamente o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, DSM-V, vai ver que ninguém escapa do crivo diagnóstico ali detalhado, ao longo de quase mil páginas.

Qualquer suspiro mal dado encontra resposta diagnóstica no tal manual. Dormir demais já te enquadra, não dormir demais também te enquadra em algum transtorno. Sorrir além da conta já vale uma observação sobre euforia, sorrir muito pouco ou alternadamente é atitude suspeita. Do transtorno para a medicalização basta um carimbo e uma assinatura de médico numa aligeirada receita.

Outro dia participava de um jantar na casa de uns amigos e ouvi uma colega, angustiada, dizer que não receberia mais uma sobrinha em sua casa devido à falta de limites da criança. Além disso, levava em conta o que a avó psicopedagoga da criança lhe falou na última visita da menina, quando teve que repreendê-la porque quebrava as coisas por onde passava, riscava as paredes, pulava nos sofás, arrastava cadeiras... A avó disse que diagnosticou a neta, que a criança tem TOD, transtorno desafiador opositor, tá lá no DSM-V, e, segundo ela, não pode ser contrariada. Imaginem vocês o que será de uma criança criada sem cortes, mantendo como reféns os adultos que deveriam limitar e orientar o seu modo de interagir socialmente?

Fico pensando qual é a situação mais triste, se a do adulto que abdica de sua posição em função de uma rotulação comportamental mal lida e mal interpretada ou a da criança que reage a uma relação familiar desajustada e é desastrosamente “compreendida”.

É como se as pessoas se negassem a ver o normal de uma criança reagindo às relações primárias, com aquela posição de existente que Freud chamou de perversa polimorfa, condição comum da imatura vida infantil que precisa ser acompanhada e limitada pelos adultos, para o bem da socialização e da saúde psíquica da criança.

A avó agia como se não fosse normal crianças desafiarem as normas e reagirem a elas com frequente instabilidade de humor e de atos.

A avó provavelmente é dessas que carrega uma farmacinha na bolsa. Isso tudo me leva a crer que o sujeito normal hoje não é aquele que tem variações de humor, que alterna satisfações e insatisfações na vida, que desafia inseguranças. O normal parece ser aquele que ostenta orgulhosamente uma cartela de Fluoxetina, de Risperidona, uma caixa de Ritalina ou de um antidistônico qualquer.

Não posso negar a existência de estados degradantes de sofrimento que precisam de cuidados medicamentosos.

O perigo que vejo está na banalização do sofrimento e na tentativa de extirpá-lo da condição do sujeito, como se não estivesse operando uma mutilação. É como se ser gente fosse não ser contrariado em nada, fosse viver num mundo sem frustrações, com uma linearidade entediante controlada por pílulas. Aldous Huxley imaginou bem em seu “Admirável mundo novo” essa espécie de ojeriza ao sujeito e esse prazer estranho pela normatização de sentimentos e de comportamentos. Nas páginas da distopia huxleyana sentimentos, emoções e frustrações são barrados por uma vida obsessivamente demarcada e vigiada, e por pílulas.

Pelo que se observa, o instável pathos humano, aquele estritamente ligado ao ethos, à aretê, é objeto de perseguição hoje, mesmo que ele não represente uma ameaça ao laço social. É possível que essa má vontade com o sujeito, nesse caso, se dê por um oportunismo descompromissado com a saúde, com a integridade do sujeito, visível na medicina comercial, aquela que troca o juramento de Hipócrates pelo bulário dos conglomerados farmacêuticos que lucram bilhões com medicamentos. A patologização generalizada da subjetividade esconde muitas coisas. Uma delas é que sofrer faz parte da normalidade; outra é que o sofrimento além da normalidade é produto das condições sociais precárias, do desarranjo das relações primárias, da violência das relações de poder e de trabalho. E como aqueles que se alimentam das condições que produzem o sofrimento lidam com os sujeitos degradados que restam da exploração? Primeiro eles criam mecanismos que induzem os sujeitos a não se reconhecerem no sofrimento, depois eles os medicam, num movimento circular de ganhos. Eles nunca perdem. É essa a solução maldita que o sistema oferece para o exército de corpos que produz, violados na integridade física e psíquica. O problema é que quando a corda esticada está puída, prestes a romper, a medicalização afrouxa as pontas e reduz a sensação de sofrimento, mas a corda continuará puída e, numa distração, tenderá a se partir. Alguém mais atento pode até cortar a parte fragilizada e reatá-la com um nó, evitando um desastre maior, ainda assim não poderá evitar o nó. O nó, de algum modo, é o retorno ao estado anterior de sofrimento e perigo.

### Enquanto o sofrimento

**for encarado num modo de fuga, de recusa,  
as perspectivas não mudarão e o real latejará  
ainda mais forte nos sujeitos mutilados  
pela ordem que os domina.**

■ ■ ■

Nota: \*Nosso tempo. in: A rosa do povo

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.